

A IMPORTÂNCIA DO ESTREITAMENTO DE LAÇOS ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA NO DESENVOLVIMENTO DO ESTUDANTE COM AUTISMO

MATOS, Talita Ferreira – RA: 202125825

MURTINHO, Rafael Piáia – RA: 202105801

LOPES, Karina Carrasqueira

RESUMO

Dentre as muitas deficiências a serem incluídas na escola, o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma das que apresenta maiores desafios para os educadores. No entanto, esta missão pode e deve ser compartilhada com a família. Nesse sentido, este estudo analisa a parceria entre família e escola no desenvolvimento de crianças com TEA, buscando compreender seus desafios e potencialidades. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica de artigos selecionados nas plataformas Portal de Periódicos da CAPES, SciELO e Educ@. Foram analisados oito artigos, sendo quatro revisões de literatura e quatro pesquisas qualitativas realizadas em municípios brasileiros. Fundamentado em autores como Tony Booth, Mel Ainscow e Temple Grandin, discute-se o papel da comunicação e colaboração entre familiares e professores na criação de estratégias pedagógicas inclusivas e melhorias a serem realizadas para contribuir com o processo de ensino aprendizagem dos alunos com autismo. Os resultados evidenciam que o fortalecimento dos laços entre família e escola favorece o desenvolvimento acadêmico, social e emocional das crianças, destacando a importância da formação docente e da construção de ambientes acolhedores para uma inclusão efetiva. Notou-se ainda, o quanto essa colaboração contribui para o enfrentamento de desafios que surgem tanto no âmbito educacional, como familiar, desses alunos.

Palavras-chave: colaboração família e escola; desenvolvimento; inclusão; parceria; TEA.

1 INTRODUÇÃO

A educação inclusiva é uma demanda contemporânea das mais importantes, visto que desde a promulgação da Constituição Federal do Brasil de 1988, a inclusão de pessoas com deficiência tornou-se um direito destas e uma obrigação das escolas. Acrescida a ela, a Lei Berenice Piana (Brasil, 2012) reconhece o Transtorno do Espectro Autista (TEA) como deficiência e estabelece os direitos das pessoas autistas. Complementarmente, a Lei Brasileira de Inclusão (Brasil, 2015) reforça a obrigatoriedade de que as instituições de ensino, públicas e privadas, ofereçam condições de acessibilidade e adaptem suas práticas pedagógicas para atender às necessidades dos alunos com deficiência.

Portanto, dentro das muitas possíveis deficiências que as escolas têm de incluir dentro de seu cotidiano pedagógico, o TEA representa um dos maiores desafios. O nome desse transtorno já nos indica um ponto importante do desafio enfrentado pelas escolas: os sintomas

se manifestam de forma variada, em graus diferentes de severidade, ou seja, em espectro; portanto, é de suma importância que a escola esteja preparada para acolher e atender às necessidades específicas de cada estudante autista. Segundo o DSM-5 (2014), a escola deve adotar práticas pedagógicas adaptadas, ter um currículo flexível e promover estratégias de socialização para que o estudante possa ter plenas condições de desenvolver as áreas acadêmica, social e emocional. Visto que o trabalho da escola não acontece isolado das práticas familiares, a parceria entre essas duas esferas apresenta-se como um elemento essencial para o processo de inclusão ao passo que ela permite que haja melhor entendimento das especificidades do estudante e que as adaptações necessárias possam ocorrer.

Bayat (2007) afirma que as famílias enfrentam grandes desafios ao criarem crianças com TEA, incluindo estresse emocional e dificuldades de socialização. Ao focar em criar fortes laços de confiança com as famílias, a escola consegue tornar-se um espaço de acolhimento e suporte para elas e para as crianças. Adicionalmente, essa parceria permite a criação de estratégias pedagógicas que equilibram as necessidades escolares com as demandas familiares, propiciando uma educação personalizada, eficaz e acolhedora (McAuliffe et al., 2019).

De acordo com a literatura, uma escola verdadeiramente inclusiva deve promover a participação ativa da comunidade escolar inteira: estudantes, famílias, educadores e a própria comunidade geral, sendo um ambiente onde não somente é desenvolvido o conhecimento acadêmico, mas também emocional e social, a partir de um processo contínuo e colaborativo de eliminação de barreiras e a valorização da diversidade (Booth; Ainscow, 2002).

Neste sentido, este artigo, a partir de uma revisão bibliográfica, tem por objetivo compreender os desafios e as potencialidades da parceria entre família e escola no desenvolvimento de crianças com TEA. Assim, busca-se demonstrar que a inclusão não é apenas um direito, mas também um processo contínuo de aprendizagem e adaptação, que beneficia não apenas a criança autista, mas toda a comunidade escolar. Ao longo deste trabalho, serão discutidos os principais pressupostos teóricos que fundamentam a inclusão de crianças com TEA, com ênfase na importância da colaboração entre escola e família e no papel essencial da escola na promoção de uma educação inclusiva.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Dentro das muitas inclusões a serem feitas no ambiente escolar, a do estudante com TEA apresenta ao educador um grande desafio. Contudo, essa missão pode e deve ser dividida

entre a escola e a família do aluno para que seu desenvolvimento ocorra de forma integral; ao passo que para o ambiente escolar tornar-se cada vez mais inclusivo, as famílias desses estudantes precisam exercer um papel ativo na construção do processo todo. No âmbito dos estudos da área, pode-se encontrar uma confluência de dados que apontam o quão crucial é a colaboração entre a família e a escola para que o desenvolvimento do estudante com TEA ocorra de maneira integral, assim abrangendo o cognitivo, o socioemocional, e o trabalho pedagógico da criança. Na presente seção, os principais pressupostos teóricos para o desenvolvimento desta revisão de literatura são discutidos, abordando o conceito de autismo, os autores referência na área, a importância da parceria entre família e escola, e o papel da escola na promoção de uma inclusão efetiva.

2.1 TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

O TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento, que afeta pessoas nos âmbitos da comunicação e da interação social, além de ser associado à rigidez comportamental e a padrões repetitivos de comportamento (DSM-5, 2014). O termo "espectro" remete ao grande número de maneiras em que o transtorno pode se manifestar, desde quadros leves até a manifestação de sintomas mais severos, onde há uma acentuação nas dificuldades de aprendizagem e interação social, na comunicação e nos comportamentos restritivos. Uma característica importante em pessoas autistas é a presença de *hiperfocos*, um interesse intenso em um assunto em particular, que pode ser produtiva quando bem direcionada gerando um aprendizado aprofundado em uma área de interesse, mas pode ser desvantajosa se mal mediada, uma vez que pode tornar-se uma barreira para adaptação social e educacional (Grandin; Panek, 2015).

Segundo Grandin e Panek (2015), uma intervenção precoce tende a gerar uma exponencial melhoria na qualidade de vida e no desenvolvimento de crianças autistas, pois permite-se a aquisição de habilidades sociais e cognitivas desde cedo. Ademais, o diagnóstico de autismo raramente vem desacompanhado de comorbidades, como transtornos de ansiedade, Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) e dificuldades motoras. Estes interpretabilmente demandam um acompanhamento multidisciplinar e individualizado.

O DSM-5 (2014) traz em sua definição de TEA a classificação do paciente em três níveis de suporte, objetivando a orientação de profissionais na tratativa com a pessoa de acordo com suas necessidades individuais. A pessoa com TEA nível 1 de suporte demonstra uma autonomia parcial, apresentando comportamentos repetitivos e algumas dificuldades sociais.

principalmente em interações mais complexas. O apoio é moderado em comparação aos outros níveis e pode demandar orientações e intervenções pedagógicas e psicológicas para que haja um melhor desenvolvimento e entendimento do mundo à sua volta.

Já no nível 2, encontramos pessoas que necessitam de um apoio mais substancial, pois há uma maior rigidez ao serem frustradas, principalmente por mudanças. O suporte faz-se necessário, ainda, para que haja um desenvolvimento na interação social da pessoa, pois existem limitações maiores na comunicação. Neste caso, as intervenções devem ser feitas de maneira direcionada e pontual, levando em consideração os comportamentos rígidos e repetitivos da criança para que a inclusão e o aprendizado sejam desenvolvidos de forma completa.

O nível 3 é considerado o mais severo, pois a pessoa tem demandas maiores quanto à adaptação social e pedagógica dentro do ambiente escolar. O cotidiano da escola traz desafios à pessoa com este nível de suporte, visto que ela apresenta dificuldades na comunicação, podendo esta ser verbal ou não verbal, e os comportamentos restritivos aparecem com mais frequência e intensidade. Muitas vezes, faz-se necessário o acompanhamento do estudante por um acompanhante terapêutico e outros profissionais multidisciplinares para que o desenvolvimento real aconteça dentro da rotina escolar.

Ao educador responsável pelo estudante com TEA, muito interessa saber qual o nível de suporte dele, pois este orienta a tratativa de situações cotidianas, a elaboração de estratégias pedagógicas, a adaptação de currículo, e auxilia o educador a entender o estudante dentro de sua individualidade. A inclusão escolar de crianças autistas vai além de adaptações físicas ao espaço, como muitas vezes é demandado em situações de inclusão de pessoas deficientes; as práticas pedagógicas precisam ser acessíveis ao atender as especificidades de cada estudante e o estímulo à socialização são componentes de suma importância para que a criança com TEA consiga se desenvolver de forma plena, dentro de suas capacidades, habilidades e de seu potencial.

2.2 O PAPEL DA ESCOLA NA INCLUSÃO

No âmbito da educação inclusiva, vem sido amplamente desenvolvido o estudo sobre a adaptação de práticas educacionais para estudantes com TEA. A compreensão sobre o tema cresce à medida que diversos estudiosos da área oferecem suas perspectivas e contribuições a respeito das características e das necessidades dos estudantes autistas. Temple Grandin e Richard Panek (2015) explicam que o autismo molda a percepção e o comportamento das

peçoas, ao expressarem que o processamento cognitivo e sensorial gera uma perspectiva precisa e detalhista sobre o cotidiano que pode passar despercebido para pessoas neurotípicas. Eles sugerem abordagens que promovam a autonomia do estudante com TEA, focando sempre nos pontos fortes dele para que haja um melhor desempenho e desenvolvimento no âmbito escolar.

Tony Booth e Mel Ainscow (2002) discorreram acerca da inclusão na escola, elencando alguns elementos básicos como imprescindíveis para que ela ocorra: a presença, a participação e a aprendizagem dos estudantes de acordo com as necessidades e especificidades de cada um. Eles apontam que a inclusão envolve todos, não apenas aqueles com deficiências, pois ela deve valorizar diferenças, erradicar barreiras e promover respeito à diversidade e aos direitos de todos. A abordagem dos autores enfatiza a construção e o desenvolvimento de estratégias pedagógicas inseridas em culturas inclusivas, políticas inclusivas e práticas inclusivas de acordo com as necessidades de cada estudante, com enfoque na responsabilidade coletiva - gestores, professores, estudantes e famílias - para que todos tenham acesso ao direito à educação.

Com a obra "Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como Fazer?" (2006), Maria Teresa Égler Mantoan tornou-se referência em inclusão escolar no Brasil. A autora disserta sobre a criação de espaços igualmente oportunos para todos ao trazerem a diversidade como recurso pedagógico para permitir acesso ao conhecimento por todos. Mantoan destaca a importância da adaptação curricular e metodológica para que estudantes com TEA, transtornos de aprendizagem, ou outras deficiências possam aprender junto aos demais colegas.

Lucelmo Lacerda (2017) enfatiza que deve haver uma capacitação continuada para os educadores que trabalham com casos de inclusão, e principalmente ao lidarem com estudantes autistas. O argumento do autor é de que a inclusão somente pode ser implementada com sucesso quando os educadores tiverem acesso a capacitações que guiem o fazer pedagógico de forma correta e inclusiva, conseguindo transpor os muitos desafios pedagógicos e emocionais que surgem neste processo.

No mesmo sentido, Mittler (2003) diz que a inclusão só é efetiva a partir do momento em que a escola promove a capacitação dos educadores e o envolvimento de toda a comunidade escolar neste processo, uma vez que ele deve ter um cunho proativo. O autor argumenta que os

professores devem receber uma formação continuada para poderem estar preparados para receber estudantes de inclusão, entregando uma educação de qualidade a todos.

2.3 RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA

Em seu trabalho seminal *Index para a Inclusão* (2002), Booth e Ainscow exprimem a importância da colaboração entre família e escola para que a educação inclusiva floresça e o desenvolvimento integral dos estudantes com TEA possa acontecer. Os autores destacam que o envolvimento ativo de crianças, famílias e comunidade fazem com que a escola consiga realmente promover a inclusão de todos, visto que esta é um processo colaborativo e as trocas entre as diferentes esferas da vida do estudante são fundamentais para que tenha-se um ambiente acolhedor e eficiente, que promova o aprendizado e o bem-estar dele.

Bayat (2007) acrescenta à discussão sobre inclusão de crianças com TEA ao apontar que suas famílias costumam enfrentar muitos desafios no âmbito socioemocional. A colaboração entre pais e educadores torna-se, portanto, essencial ao permitir o desenvolvimento de estratégias que alinham o desenvolvimento pedagógico, social e emocional e tornam o ambiente escolar um lugar de apoio e acolhimento.

Como mencionado anteriormente, Grandin e Panek (2015) trazem essa parceria como um dos pilares do desenvolvimento do estudante com TEA, pois ela permite tanto ao educador quanto à família uma maior compreensão das necessidades específicas de cada criança. Eles ressaltam que é necessário compartilhar entre ambas esferas informações importantes sobre as dificuldades e potencialidades da criança autista, uma vez que o educador consegue dar foco a elas e promover a inclusão integral.

A comunicação constante e transparente entre família e escola como base para a adaptação do estudante autista ao ambiente escolar é parte fundamental da tese de McAuliffe et al. (2019), uma vez que ela garante que as necessidades da criança possam ser acolhidas e compreendidas. O estudo traz que uma participação ativa dos pais no fazer pedagógico melhora o envolvimento da criança, e sua presença em reuniões com o corpo docente também favorece uma melhor compreensão, por parte da escola, das especificidades do estudante. Por fim, é destacado no trabalho que essa construção entre família e escola de um vínculo afetivo promove uma confiança maior entre as partes e faz do ambiente educacional um local cooperativo e acolhedor para que o desenvolvimento da criança faça-se por completo.

3 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi realizado um estado do conhecimento que segundo Vasconcellos, de Souza e Teixeira (2020) são: “[...] estudos que sistematizam o que foi produzido durante um período de tempo e área de abrangência, observando rastros deixados no percurso histórico de suas produções”. Explorando artigos publicados nas bases de dados Portal de Periódicos da CAPES, SciELO e Educ@, a partir de combinações entre as palavras-chave: “família”, “escola”, “autismo” e “TEA”. A princípio, foram separados 17 documentos para análise. Alguns eram relacionados à parceria entre família-escola, mas de alunos com diferentes tipos de deficiências e níveis de suporte, ou falava-se de uma educação inclusiva no geral, contudo foi almejado buscar especificamente resultados que tratavam sobre discentes com autismo. Apenas oito artigos, sendo sete do Portal Periódicos da CAPES e um do Educ@, apresentaram concordância com os objetivos da busca, que eram encontrar escritas relacionadas à temática central - a influência da relação família-escola no desenvolvimento de alunos com TEA - e adquirir materiais para fundamentar a discussão acerca da importância da relação entre educadores e pais de crianças autistas.

Abaixo segue a relação de artigos utilizados nesta pesquisa, bem como seus autores e ano de publicação.

TÍTULO DOS ARTIGOS	AUTORES	ANO DE PUBLICAÇÃO
Envolvimento parental e a inclusão de alunos com autismo	Rosanita Moschini Vargas e Carlo Schmidt	2016
Relação entre família, escola, especialistas e o desenvolvimento de pessoas autistas	Gisele Soares Lemos Shaw	2021
O trabalho pedagógico e a inclusão escolar para crianças com transtorno do espectro do autismo (TEA)	Laila Francielly Rezende e Calixto Júnior de Souza	2021
Relação Família-Escola-Criança com Transtorno do Espectro Autista: Percepção de Pais e Professoras	Cristiane S. Cabral, Denise Falcke, Angela Helena Marin	2021
TEA, família e escola - O trabalho em conjunto, relação de empatia	Aline dos Santos Moreira de Carvalho, Pedro	2021

	Carlos Pereira, Camilla Viana de Souza Gonçalo, Gabrielle Oliveira dos Santos Anchieta	
INCLUSÃO DE ALUNOS AUTISTAS: PROFESSOR, ALUNO, FAMÍLIA, ESCOLA. UM PROCESSO DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM CONSTRUÇÃO	Gisele Lauxen Adolfo	2021
Família, escola e especialistas: o tripé que contribui para o desenvolvimento da criança autista	Tiago Hideo Loula Chida e Gisele Soares Lemos Shaw	2022
A IMPORTÂNCIA DA FAMÍLIA E DA ESCOLA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM NO TEA NA INFÂNCIA	Liliane Clemente de Moura, Maria Lúcia da Conceição, Paula Rebello Magalhães de Oliveira	2023

Após a seleção dos artigos, foi feita a leitura minuciosa de cada um. O enfoque inicial foi identificar os objetivos da pesquisa ou revisão bibliográfica, qual público participou do estudo e qual metodologia foi aplicada, quais autores referência foram contemplados, e quais resultados foram extraídos do trabalho em si. A partir destas informações, foi possível construir relações entre os artigos e perceber alguns pontos em comum que os autores chegaram, como: a significativa contribuição que a comunicação frequente e parceria entre famílias e escolas de crianças autistas pode proporcionar, bem como a desafiadora missão de incluir e colaborar com o desenvolvimento satisfatório destes alunos na realidade da rotina familiar e escolar. Além de trazer dados pertinentes para construir o presente trabalho, foi explorado nos artigos as ideias centrais dos autores referência e suas contribuições bibliográficas que poderiam compactuar com as análises e discussões aqui apresentadas.

4 ANÁLISE DOS ARTIGOS

A relação entre a família, a escola e a criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) é crucial para promover uma inclusão efetiva e de qualidade no ambiente escolar. A literatura tem explorado e apresentado como essa interação é benéfica para o desenvolvimento global das crianças com TEA por diversas vertentes, incluindo as percepções dos pais e dos professores,

as intervenções psicológicas e pedagógicas, e a importância de políticas de inclusão eficientes e metodologias pedagógicas adaptáveis.

O estudo "Relação Família-Escola-Criança com Transtorno do Espectro Autista: Percepção de Pais e Professoras" (Cabral; Falcke; Marin, 2021) trouxe a perspectiva de quatro casais de pais atípicos, cujos filhos apresentavam diferentes níveis de suporte, e das professoras dessas crianças. Os pais expressaram que há uma falta de preparo por parte das escolas para promover a inclusão dos estudantes de forma efetiva; embora haja esforços significativos para que algumas necessidades específicas sejam atendidas, ainda há um desafio considerável na adaptação das crianças ao ambiente escolar. As professoras, por sua vez, trouxeram que há uma necessidade de flexibilização e adaptação de currículo constante para que os estudantes autistas possam receber o suporte necessário dentro de suas especificidades, visto que a inclusão é um processo contínuo e em construção. Os dados apontados no estudo indicam que a falta de recursos adequados e treinamentos aos educadores criam importantes desafios à adaptação e à inclusão. Autores como Franco (2016), McAuliffe et al. (2019) e Bayat (2007) são citados, pois abordam, em seus estudos, os impactos que o TEA tem nas famílias. Seus estudos demonstram que a comunicação eficaz e a colaboração constante entre família e escola são ferramentas importantes para a superação dos desafios presentes na inclusão desses estudantes. Em confluência, Burke et al. (2020) trazem que a interação entre essas duas esferas da vida de criança é essencial para o desenvolvimento global delas dentro do ambiente escolar.

O artigo "TEA, Família e Escola - O Trabalho em Conjunto, Relação de Empatia" (Carvalho et al., 2021) aponta que os dois principais ambientes de convivência da criança - a família e a escola - devem manter um trabalho colaborativo a todo momento para garantir o sucesso dela. O artigo, baseado em revisão bibliográfica, ressalta que a criação de um ambiente inclusivo e que favoreça o aprendizado e o desenvolvimento emocional das crianças autistas só é possível quando há a construção de uma relação afetiva e de confiança entre pais, professores e alunos. O artigo cita a abordagem de Booth e Ainscow, focada nos conceitos de presença, participação e aceitação, para garantir que a criança sinta-se parte ativa da comunidade escolar. Ademais, Bosa (2006), Camargo e Bosa (2012), e Chimenes e Santana (2020) são citados ao apontarem a relevância da abordagem afetiva na inclusão escolar, incluindo a necessidade da colaboração entre família e escola como alicerce do bem-estar emocional dos estudantes.

A revisão bibliográfica "A Importância da Família e da Escola no Processo de Aprendizagem no TEA na Infância" (Moura; Conceição; Oliveira, 2023) traz a vertente da

necessidade de intervenções educativas adaptadas e políticas públicas inclusivas. O artigo cita as análises de Skinner (1957, 1992), focadas no comportamento verbal e suas aplicações educacionais, e de Whitman (2015), destacando a participação ativa da família na vida escolar da criança autista, para fundamentar a importância do engajamento familiar no processo educacional, visto que ele contribui para a criação de um ambiente acolhedor e inclusivo para a criança. O envolvimento contínuo dos pais e a adaptação de estratégias pedagógicas são ressaltados como aspectos que podem levar a resultados mais positivos em termos de desenvolvimento cognitivo e social.

No artigo "Inclusão de Alunos Autistas: Professor, Aluno, Família, Escola – Um Processo de Educação Inclusiva em Construção" (Adolfo, 2021), os desafios enfrentados pelo sistema educacional no município de Quinze de Novembro, Rio Grande do Sul, são analisados em detalhes. O estudo aponta que o sentimento de desamparo e despreparo prevalece entre os professores, por mais que grandes esforços estejam sendo tomados para realizar a inclusão de estudantes com TEA. Uma das maiores dificuldades, segundo os educadores, é a falta de formação continuada, que é enfatizada por Lacerda (2017) e Mittler (2003). Os autores defendem uma formação robusta, específica e continuada para professores para tirar a inclusão da teoria e efetivamente colocá-la em prática. Ademais, Grandin (2015) e Cunha (2019) fornecem *insights* acerca das melhores práticas para atender às necessidades de estudantes autistas e para criar um ambiente de aprendizagem inclusivo e eficiente.

A revisão de literatura “Envolvimento parental e a inclusão de alunos com autismo” (Vargas; Schmidt, 2016), aponta a necessidade da relação de parceria entre a família e a escola para garantir a adaptação e aprendizagem dos estudantes com TEA. Em suas abordagens, os autores afirmam que algumas vivências relacionadas aos autistas como estresse familiar, preconceito e bullying dificultam a comunicação e interação com esses discentes. Contudo, este desafio pode ser enfrentado e vencido com a comunicação efetiva entre os educadores e os responsáveis.

Para a construção do artigo “Relação entre família, escola, especialistas e o desenvolvimento de pessoas autistas” (Shaw, 2021), foi realizada uma busca em cinco sites diferentes, com as palavras-chave "autismo" + "família" + "escola" + "especialista" + "revisão" + "desenvolvimento", considerando documentos publicados entre os anos de 2016 a 2020. A revisão foi composta por 20 artigos que foram selecionados com o pré-requisito de fornecer informações entre, pelo menos, um dos três grupos - família, escola ou especialistas - e uma

pesquisa realizada pela autora no interior da Bahia. Todo o estudo apontou que com a colaboração mútua e a busca pelo enfrentamento de desafios, formando parcerias produtivas entre profissionais e familiares, é possível auxiliar no desenvolvimento dessas crianças em questão. A pesquisa ainda mostra que as escolas precisam se reestruturar para realizar de fato a inclusão, precisam de conscientização e construção de novas políticas públicas para propiciar apoio aos indivíduos autistas e a suas famílias.

Na pesquisa intitulada “Família, escola e especialistas: o tripé que contribui para o desenvolvimento da criança autista” (Chida; Shaw, 2021) sendo Shaw autora do também artigo “Relação entre família, escola, especialistas e o desenvolvimento de pessoas autistas” que busca compreender no mesmo contexto de alunos com TEA a importância da parceria entre educadores e responsáveis; investigou-se a contribuição de familiares para o desenvolvimento de três crianças autistas da cidade de Senhor do Bonfim, na Bahia. As entrevistas foram realizadas com mães, professoras e terapeutas de crianças com TEA. Ao decorrer das investigações, foi possível perceber que os pais dos alunos pouco se envolviam com suas vivências ou contribuía com seu desenvolvimento, já as mães, quando em parceria com a escola e especialistas que tratam, seus filhos, oportunizam melhorias aos seus filhos e maiores participações no avanço dessas crianças.

Por fim, no artigo “O trabalho pedagógico e a inclusão escolar para crianças com transtorno do espectro do autismo (TEA)” (Rezende; Souza, 2021), foi abordado, através de um estudo de caso em uma pesquisa descritiva, que o autismo é um transtorno complexo e portanto não existe uma terapia ou método isolado que atenderá todas as demandas dessas pessoas. Concluiu-se que o fortalecimento dos vínculos entre família, escola, cuidadores e terapeutas faz-se extremamente necessário para criar melhores estratégias de intervenção, propiciando o desenvolvimento adequado das crianças que estão dentro do Espectro Autista e vivenciam diversos desafios no seu processo de aprendizagem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conformidade com os objetivos estabelecidos, esta pesquisa apresentou discussões e recortes de artigos que tratavam sobre a importância da troca regular de informações entre a escola e a família de crianças com autismo para o enfrentamento de desafios vivenciados por esses indivíduos, a necessidade de um acompanhamento minucioso em todas as vivências atreladas ao seu desenvolvimento e a colaboração mútua entre profissionais, terapeutas,

educadores e pais para a evolução satisfatória e avanços nos processos de aprendizagem desses alunos.

Em suma, os principais resultados obtidos apontam que os pacientes que estão dentro do Espectro Autista podem ser classificados em três níveis de suporte segundo a DSM-5 (2014), sendo 1, 2 ou 3 de acordo com as necessidades e dificuldades apresentadas por cada indivíduo. Permitir ao educador do aluno com TEA estar a par do seu diagnóstico e atualizações constantes, é possibilitar que este profissional planeje melhores estratégias pedagógicas para seu aluno, bem como se oriente e adapte o currículo às necessidades individuais do estudante.

Referente a parceria entre a escola e as famílias de crianças autistas, foi possível identificar sua relevância singular em avanços e aperfeiçoamentos na realidade dos alunos com TEA, através de pesquisas e reflexões de outros autores como McAuliffe et al. (2019), que nos explica em sua tese sobre como a participação ativa da família no fazer pedagógico melhora o envolvimento do aluno, e a presença da mesma em reuniões com o corpo docente também favorecer uma melhor compreensão, por parte da escola, das especificidades do estudante. A relação de colaboração mútua entre pais e educadores pode proporcionar também o compartilhamento de angústias e desafios que as esferas educacionais e familiares enfrentam em comum ao lidar com os indivíduos neurodiversos, possibilitando que novas soluções e metodologias possam ser desenvolvidas. De acordo com os artigos abordados, é possível perceber que quando a escola se posiciona ativamente com a família em prol dos alunos, avanços não só no desenvolvimento educacional, como social e emocional, são claramente apresentados pelos estudantes com TEA em seus afazeres e relações.

Em relação à inclusão escolar dessas crianças, foi possível afirmar que esta não se trata apenas de integrá-las fisicamente na instituição, mas de reconhecer e atender às suas necessidades individuais, criando uma rede de apoio que envolve escola, família e comunidade. Incluir estudantes com deficiências e/ou neurodivergentes é um grande desafio contemporâneo. Contudo, isto representa, também, uma das responsabilidades dos educadores, sendo encarregados de fazer a adaptação de práticas e ambientes de maneira a atender às necessidades dos estudantes. As legislações brasileiras, como a Lei Brasileira de Inclusão nº 3.146/2015 e a Lei Berenice Piana nº 12.764/2012, desempenham um papel importante ao estabelecer os direitos dos alunos com necessidades especiais e garantir que o autismo seja reconhecido e tratado como uma deficiência que requer suporte específico.

Os estudos analisados reforçam a ideia de que uma educação inclusiva e eficaz para crianças com TEA depende de uma abordagem colaborativa, onde família, escola e comunidade trabalham juntos em um esforço contínuo de adaptação e aprendizagem. A formação dos professores, o engajamento ativo da família e a criação de um ambiente acolhedor e empático são essenciais para promover não apenas a inclusão escolar, mas também o desenvolvimento integral das crianças. Essa abordagem integradora é crucial para garantir que pessoas com TEA possam desenvolver suas habilidades, alcançar maior autonomia e serem valorizados em sua individualidade dentro do contexto escolar.

Conclui-se que esta pesquisa pode contribuir para melhorias no desempenho acadêmico e emocional dos alunos com autismo, oferecendo a pais, terapeutas, educadores e gestores mais informações e *insights* sobre estratégias que promovam avanços nas vivências e no ambiente escolar de alunos com TEA. Contribui também para a promoção da ideia de que a educação requer um esforço coletivo, no qual todos os membros envolvidos com o desenvolvimento do aluno integrem positivamente no seu processo educativo. Não obstante, faz-se necessário que novas pesquisas fomentem a criação de políticas públicas e programas educativos que incentivem a comunicação e o envolvimento familiar na vida escolar de alunos autistas, resultando em diálogos e intervenções mais eficazes para resultados mais assertivos e produtivos. Futuros estudos poderão explorar como as tecnologias podem contribuir nessa colaboração e interação entre famílias e escolas, debater quais os papéis específicos de cada integrante presente na vida do aluno e como essas funções se complementam ou até abordar a eficácia de diferentes modelos de parceria entre membros ativos nos variados contextos da vida do estudante com TEA.

REFERÊNCIAS

ADOLFO, G. L. Inclusão de alunos autistas: professor, aluno, família, escola – um processo de educação inclusiva em construção. **Revista de Educação Especial**, 2021.

BAYAT, M. Evidências de resiliência em famílias de crianças com autismo. *Revista de Pesquisa em Educação Especial*, v. 51, n. 9, p. 702–714, 2007.

BOOTH, Tony; AINSCOW, Mel. **Índice de Inclusão: desenvolvendo a aprendizagem e a participação nas escolas**. São Paulo: Instituto Rodrigo Mendes, 2002.

BRASIL. Lei Brasileira de Inclusão, nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Brasília: **Diário Oficial da União**, 2015.

BRASIL. Lei Berenice Piana, nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Brasília: **Diário Oficial da União**, 2012.

BOSA, Cleonice Alves. Autismo: intervenções psicoeducacionais. In: ASSUMPCÃO JR., Francisco Baptista; KUCZYNSKI, Eduardo. (Orgs.). **Transtornos gerais do desenvolvimento**. São Paulo: Memnon, 2006. p. 91-106.

BURKE, Meghan M.; RIZZO, Kristen; SINAIKO, Elizabeth. Facilitando parcerias entre família e escola durante a transição para a vida adulta de estudantes com Transtorno do Espectro Autista. **Revista de Transtornos do Desenvolvimento e Autismo**, v. 50, n. 6, p. 2156-2170, 2020.

CABRAL, C. S.; FALCKE, D.; MARIN, A. H. Relação família-escola-criança com transtorno do espectro autista: percepção de pais e professoras. **Revista Psicologia Escolar e Educacional**, 2021.

CAMARGO, Sígla Pimentel Höher; BOSA, Cleonice Alves. Competência social, inclusão escolar e autismo: um estudo de caso comparativo. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 28, n. 3, p. 315-324, 2012.

CARVALHO, A. S. M.; PEREIRA, P. C.; GONÇALO, C. V. S.; ANCHIETA, G. O. S. TEA, família e escola - o trabalho em conjunto, relação de empatia. **Revista de Psicopedagogia**, 2021.

CHIDA, T. H. L.; SHAW, G. S. Família, escola e especialistas: o tripé que contribui para o desenvolvimento da criança autista. **Revista Educação Especial**, 2022.

CHIMENES, Camila Raquel Sales; SANTANA, Geovana Rodrigues de. Desafios e possibilidades de práticas pedagógicas de professores frente às crianças e estudantes com autismo na escola regular. **Revista Educação e Políticas em Debate**, v. 9, n. 2, p. 382-401, 2020.

CUNHA, E. **Intervenções psicopedagógicas no transtorno do espectro autista**. São Paulo: Penso, 2019.

American Psychiatric Association. (2014). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5** (5a ed.; M. I. C. Nascimento, Trad.). Porto Alegre, RS: Artmed.

FRANCO, V. (2016). Tornar-se pai/mãe de uma criança com transtornos graves do desenvolvimento. **Educar em Revista**, 59, 35-48.

GRANDIN, T.; PANEK, R. **O cérebro autista: pensando através do espectro**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

LACERDA, L. **Transtorno do espectro autista: uma brevíssima introdução**. Curitiba: CRV, 2017.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2006.

McAULIFFE, Todd; CORDIER, Reinie; VAZ, Sharmila; FALKMER, Torbjörn. Concordância entre pais e professores sobre o funcionamento escolar de crianças com Transtorno do Espectro Autista. **Autismo**, v. 23, n. 4, p. 901-911, 2019.

MITTLER, Peter. **Trabalhando para uma educação inclusiva: contextos sociais**. Londres: David Fulton Publishers, 2003.

MOURA, L. C.; CONCEIÇÃO, M. L.; OLIVEIRA, P. R. M. A importância da família e da escola no processo de aprendizagem no TEA na infância. **Revista Educação Inclusiva**, 2023.

MOSCHINI, R. M.; SCHMIDT, C. Envolvimento parental e a inclusão de alunos com autismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, 2016.

REZENDE, L. F.; SOUZA, C. J. O trabalho pedagógico e a inclusão escolar para crianças com transtorno do espectro do autismo (TEA). **Revista Educação em Perspectiva**, 2021.

SHAW, G. S. L. Relação entre família, escola, especialistas e o desenvolvimento de pessoas autistas. **Revista de Educação Inclusiva**, 2021.

SKINNER, B. F. **Verbal behavior**. New York: Appleton-Century-Crofts, 1957.

VARGAS, Rosanita Moschini; SCHMIDT, Carlo. Envolvimento parental e a inclusão de alunos com autismo. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 22, n. 3, p. 353-366, 2016.

VASCONCELLOS, V. M. R.; NASCIMENTO, A. P. P.; SOUZA, R. T. **O Estado da Arte ou o Estado do Conhecimento**. Educação, [S. l.], v. 43, n. 3, p. e37452, 2020. DOI: 10.15448/1981-2582.2020.3.37452. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/article/view/37452>. Acesso em: 21 out. 2024.

WHITMAN, Thomas L. **The Development of Autism: A Self-Regulatory Perspective**. London: Jessica Kingsley Publishers, 2004.